

BORGES; Daiane Ramos¹, MACHADO; William Gustavo²

RESUMO

O resumo expandido que aqui está sendo exposto trata-se de uma reflexão sobre algumas nuances semelhantes que foram encontradas ao se colocar em comparação a vida parental e a vida acadêmica. Espera-se dar continuidade ao estudo, realizando um aprofundamento sobre a temática e amplificando suas possibilidades. O que se quer, afinal, é dar uma forma a um sentir, a uma pulsão que se comunica ora claramente, ora nem tanto, cuja aparece com a intenção de simplesmente valorizar positivamente uma expressão parental no meio acadêmico, abrindo-se espaço para considerações humanizadoras do pesquisar. O objetivo é, então, realizar uma abertura reflexiva para o trabalho do/a pesquisador/a em sua dimensão íntima e poética. A parentalidade apresenta-se como um processo cuja temporalidade não é linear, se faz nas memórias como filho e filha, como irmão ou irmã, como pais e mães. A construção de nossa identidade como pai ou mãe é também frágil e até precária, na medida em que nos transformamos e vemos nossos filhos se transformando, e por isso não é possível um apego duradouro com a maternidade e a paternidade que vivenciamos em determinadas fases da vida. Contudo, tal como a imagem aqui trazida, a do ninho, tais identidades se apresentam como pontos de segurança, de partida e, principalmente, de retorno. Entre as fragilidades, memórias, teorias, sentimentos e cotidianos vivenciados de maneiras distintas, a parentalidade demonstra-se plural mesmo que vivenciada pelos mesmos sujeitos. Existe dentro de cada cuidador um indivíduo que continua a desejar sua própria trajetória profissional, que aqui apresenta-se como a carreira acadêmica. Assim transita-se por mundos, criam-se mundos, para o pai, para a mãe, para o/a pesquisador/a. O ninho, utilizado como metáfora para refletir sobre a parentalidade de um casal que é composto por uma mãe e por um pai de uma menina de cinco anos, ambos pesquisadores, é compreendido como um lugar de construção para idas e vindas, um lugar seguro que permite o transitar e o conhecer. Um lugar, bem como nos ensina o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), quando o espaço recebe um sentimento afetivo e assegura ao ser a sua estabilidade em um canto do mundo. A simplicidade com que os ninhos são construídos e a humildade de seus materiais não empobrecem tal onirismo estável, mas pelo contrário, enriquecem as possibilidades imaginárias e poéticas de amplificação de sentido. Estar em um ninho é habitar um lugar feito pelo corpo, tal como os pássaros os constroem, intumescendo o espaço, apertando a matéria contra o peito. A parentalidade pressupõe uma gestação, que pode desdobrar-se por vários caminhos: a adoção, o aborto, a maternidade solo, a paternidade solo, a parentalidade compartilhada, entre outras várias possibilidades. Para cada escolha há, sem dúvidas, perdas e ganhos sobre os quais somente os envolvidos podem opinar, e o fato é que, a partir da experiência de escolher e investir em uma maternidade e paternidade de apoio e acolhimento mútuos, não apenas no âmbito da parentalidade, existem desafios e potencialidades. O caminho para a pesquisa acadêmica é composto por aprendizagens diversas que exigem disponibilidade física, financeira e psicológica dos envolvidos. Tais aspectos assemelham-se às aprendizagens parentais, as quais vão sendo construídas ao longo do agir, do cuidar e do aprender. O ninho, tomado como um empréstimo poético do trabalho dos pássaros, compreende-se como um espaço físico e corporal, que vai sendo construído com o respeito pelo corpo deste outro ser humano que chega ao mundo

¹ Universidade de Caxias do Sul, drborges1@ucs.br

² Centro Universitário Internacional - UNINTER, wgmachado@ucs.br

necessitando de cuidados básicos para crescer e desenvolver-se. O ninho expande-se, dilata-se ao longo da trajetória deste pequeno ser chamado filho, quando este aprende a caminhar e quando cai pode voltar para o abraço e para o acolhimento. O ninho é, assim, casa, proteção, um signo do retorno. É uma imagem primitiva de confiança, como nos ensina o filósofo da imaginação Gaston Bachelard (1989). Um espaço para o qual a criança sabe que pode contar, na medida em que, indo para o mundo tantas vezes, depara-se com desafios que lhe demandam muitas habilidades novas. Tal como ocorre, de certa forma, na aprendizagem acadêmica, que permite-nos experimentar a escrita, a elaboração de projetos de pesquisa com o amparo de um orientador, alguém que lhe dá suporte, lhe dá acolhimento. O espaço da universidade, portanto, pode ser também este espaço de ninho que precede o ato de voar, de encontrar novas descobertas sobre os problemas de pesquisa que optamos por investigar. Afinal, como nos disse Bachelard, o ninho é um esconderijo do voo alado. Assim como aprender a caminhar, a utilizar os talheres, a tesoura, aprender a dividir os brinquedos e o alimento, a academia, os professores e orientadores nos auxiliam a encontrar metodologias que alinhem-se com nossos objetivos, que dêem conta de responder mesmo que parcialmente nosso problema de pesquisa. Aos poucos e durante o processo de aprendizagem, que, como a maternidade e paternidade, não se encerram em si, a pesquisa ensina aos pesquisadores, ela manifesta-se como uma experiência. Esta nutre-se de várias maneiras: nas aulas, na troca de saberes distintos, nas conversas descontraídas, na partilha de referências, no processo de escrita e orientação, nos eventos acadêmicos, entre outros. Longe da busca de idealizar o processo de tornar-se pesquisador e pesquisadora sendo pai e mãe, compreendemos que é fundamental nos inserirmos nestes espaços para que possamos falar a partir dos nossos lugares, às vezes privilegiados, às vezes marginalizados. Um ninho, afinal, toma forma a partir dos corpos que o moldam. É o interior que se impõe para dar forma a essa morada. Longe também de buscar generalizar as maternidades, as paternidades e as parentalidades, buscamos abrir um diálogo para trazer poética a este espaço de ninho que constitui-se como metáfora para nossa experiência. Uma experiência plural, vivenciada por um homem e uma mulher, que, na medida em que comunicam-se e mutualizam-se apoio, constroem-se como pesquisadores de ciências humanas. Na busca por uma ciência que nos soe humana, na medida em que contemple diferenças teóricas, raciais, de gênero, corporais, psíquicas.

“Sonhei com um ninho onde os tempos não dormiam mais.”

Adolphe Shedrow

Referências:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989. TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

PALAVRAS-CHAVE: Parentalidade, Ciências Humanas, Filosofia

¹ Universidade de Caxias do Sul, drborges1@ucs.br

² Centro Universitário Internacional - UNINTER, wgmachado@ucs.br